

AME A VIDA



Série: Tecnologia Social - Volume 5

Fundação FEAC

Desde 1964, a Federação das Entidades Assistenciais de Campinas (FEAC) Fundação Odila e Lafayette Álvaro reúne e integra as entidades sociais de Campinas, a quem apóia e presta vários serviços e assessorias. Atualmente, são mais de 100 entidades filiadas, nas áreas de educação complementar, abrigo, portadores de deficiência, terceira Idade, saúde, entre outras, abrangendo uma população de mais de 60 mil pessoas. A Fundação FEAC também desenvolve projetos e programas próprios, geralmente em parceria com outras instituições e empresas, como os Programas Qualidade na Escola (PQE) e Ame a Vida Sem Drogas, em benefício de mais de 50 mil pessoas. A coleção Cadernos FEAC tem como objetivo divulgar a experiência em tecnologia social desenvolvida pela Fundação FEAC e entidades filiadas.

FUNDAÇÃO FEAC

Rua Odila Santos de Souza Camargo, 34
CEP 13092-540 Campinas SP Fone (19) 3794.3500
www.feac.org.br

Fundação EDUCAR DPaschoal

Promover a educação para a cidadania é o objetivo para todos os projetos da Fundação Educar DPaschoal. Em seis anos, por meio do projeto "Leia Comigo!", já editou 25 milhões de livros infantis distribuídos gratuitamente a escolas públicas, organizações sociais e bibliotecas. Mais que isso, este projeto, preocupa-se com um conteúdo que estimule o gosto pela leitura, reforce valores e incentive a atitude cidadã. Com a "Academia Educar", no desenvolvimento de jovens do Ensino Médio, tendo a escola pública como centro de cidadania na comunidade; e com o projeto "Trote da Cidadania", formando futuros líderes socialmente responsáveis, que utilizam sua energia para a mobilização universitária.

Para saber mais sobre a Fundação Educar acesse:
www.educardpaschoal.org.br

Ame a vida

Cadernos FEAC

FEAC

Presidente Conselho Curador 2005-2006

Darcy Paz de Pádua

Presidente Diretoria Executiva 2005-2006

Edmir Bertolaccini

Superintendência Executiva

Arnaldo Rezende

Departamento de Marketing

Vanessa Taufic

Texto

José Pedro Martins (consultor)

Apoio Técnico

Valéria Rodrigues

Estagiárias

Caíza Carla Herbella

Sharlene Fontolan

Correspondência

Rua Odila Santos de Souza Camargo, 34
Jardim Brandina, CEP 13092-540 - Campinas - SP
info@feac.org.br • www.feac.org.br
(19) 3794.3500 / 3511 / 3512

Coordenação editorial

Sílnia N. Martins Prado

Capa e projeto gráfico

Qualis Comunicação Integrada

Fotografia

Thaís Guidorisi

Arquivo FEAC

Revisão

Eleonora Dantas

Realização

Fundação EDUCAR DPaschoal

www.educardpaschoal.org.br

Tel: (19) 3728-8129

A Coleção Cadernos FEAC é uma iniciativa da Fundação FEAC, a cargo do Departamento de Marketing, voltada para divulgar a experiência em tecnologia social desenvolvida pela instituição e suas mais de 100 entidades filiadas em Campinas e região.

Esta obra foi impressa na Gráfica ??????????, em papel couché fosco 115g/m² (miolo) e triplex 250g/m² (capa), no ano de 2006, com tiragem de 3.000 exemplares.

Palavras iniciais

Um programa para o amor à vida

O conjunto habitacional Vida Nova é um dos bairros com mais alta concentração de famílias de baixa renda em Campinas. É enorme a distância do bairro da região central da cidade – cerca de 25 km, uma razoável viagem diária. A mobilidade é difícil para a maioria dos moradores. Oportunidades e equipamentos culturais são raríssimos. Em 2000, o Vida Nova esteve, infelizmente, ocupando os noticiários, por causa de chacina de jovens na porta de uma escola.

Pois justamente neste horizonte brilha uma janela de esperança – é a janela aberta pelo Programa Ame a Vida Sem Drogas, iniciativa envolvendo um conjunto de organizações sociais de Campinas. Uma oficina de circo, oferecida no menu de alternativas do Ame a Vida, é o endereço do sonho, da realização pessoal e da descoberta de potenciais para várias crianças do Vida Nova.

A sala da Escola Estadual Vida Nova III, onde é realizada a oficina, é um espaço singular – um local onde as crianças filhas de famílias humildes, que não tiveram grandes oportunidades na vida, podem aspirar a um novo futuro, vislumbrar um projeto pessoal marcado pela dignidade, pelo sentimento da cidadania, pela responsabilidade com a comunidade, com seu país, com o planeta.

Nas paredes da sala, reproduções de obras de importantes pintores brasileiros – Vicente do Rego Monteiro, Milton DaCosta e Emiliano Di Cavalcanti. O multicolorido desses quadros – o multicolorido da cultura brasileira – é refletido nas cores dos rolos, das plataformas, dos malabares, das pernas-de-pau e outros recursos utilizados pelos jovens participantes da oficina de circo.

Os malabarismos, os contorcionismos, as performances dos pequenos artistas circenses remetem a uma inevitável metáfora com a situação de grande parte dos brasileiros,

sobretudo de grande parte dos pequenos brasileiros. Eles vivem diariamente o desafio de ir em frente, de superar obstáculos, de resistir – de ter resiliência, enfim, de buscar no fundo da alma a força para superar um cenário de enormes dificuldades e de olhar para frente, para novas possibilidades, para um futuro de vida mais digna.

Quando existe o cuidado, em todas as suas dimensões – o cuidado da família, da escola, da sociedade em geral – um jovem irá se sentir mais seguro, mais fortalecido para enfrentar os riscos cotidianos, a sedução das drogas entre eles. Diante do paraíso artificial e ilusório dos entorpecentes, lícitos ou ilícitos, o jovem bem cuidado, estimulado, valorizado, pode dizer NÃO, com todas as letras, às corriqueiras expressões da morte, e dizer SIM, em toda sua amplitude, às belas manifestações da vida.

Amar a vida, a própria vida, a vida do outro, da família, da comunidade, do planeta – quando se ama a vida não se quer outra vida. Amar a vida é o foco do Programa, que não centraliza suas ações, sua metodologia, diretamente no combate às drogas. E as oficinas culturais, lúdicas e esportivas, ao lado das oficinas de formação de educadores multiplicadores, são o roteiro do Programa Ame a Vida Sem Drogas para que o jovem efetivamente ame a vida.

Oficinas em que o corpo fala mais alto, o corpo como sustentáculo de uma vida pessoal, mas também como parte de um ambiente cultural, da cultura de um determinado país. As oficinas do Programa Ame a Vida Sem Drogas são, enfim, as pontes que ligam o presente com o futuro, com um novo futuro.

Este número da **Coleção FEAC – Série Tecnologia Social**, iniciativa da Fundação FEAC e Fundação Educar DPaschoal é dedicado à trajetória, à metodologia, aos avanços, aos desafios derivados do Programa Ame a Vida Sem Drogas. Um Programa fruto da parceria entre Fundação FEAC, Grupo de Empresários Amigos da Criança (GEAC), Federação Brasileira de Comunidades Terapêuticas (Febract), Conselho Municipal de Entorpecentes (Comen) e Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente (Cmdca), que conquistou, em quase dez anos de existência, o apoio de várias grandes empresas e a simpatia de vários setores sociais por sua eficiência em promover o amor à vida como a grande saída, como a plataforma sustentável de desenvolvimento humano integral e construção de comunidades inclusivas e de profunda reverência com o meio ambiente onde, afinal, todos vivem.

Legenda: ???????????????





Sumário

Palavras iniciais.....	3
O motivo: a questão das drogas e as abordagens existentes	7
Primeiros passos: sementes e parceiros do programa	14
Metodologia e evolução do programa com as oficinas	28
Resultados: a força do respeito, da resiliência e da alegria de viver.....	42
Desafios para o futuro: rumo à política pública	54
Comentários finais, a título de reflexão	58



Oficina de música trabalha valores como cooperação

Oficina de música trabalha valores como cooperação

O motivo: a questão das drogas e as abordagens existentes

Alto índice de acidentes de trânsito e mortes por armas de fogo e agressões, com uso de drogas associado. Uso cada vez mais precoce de drogas entre a juventude. Vários motivos do cenário brasileiro local, levaram ao inovador Ame a Vida Sem Drogas.

O consumo de drogas aparece na história de quase todas as culturas humanas. A droga acompanha a evolução histórica da comunidade, encontrando-se drogas nos contextos social, cultural, econômico, militar, religioso, místico, médico e psicológico.

No cenário contemporâneo, a distribuição de renda, a crise de valores enfrentada pela sociedade, a desagregação familiar, a influência da mídia e a falência do sistema escolar aliados ao despreparo e descaso da sociedade são fatores que influenciam no aumento de consumo de drogas.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) diz que o indivíduo mais propenso à utilização de drogas é aquele que:

- Não tem informação adequada sobre o efeito das drogas.
- Apresenta saúde deficiente e está insatisfeito com sua qualidade de vida.
- Possui personalidade deficientemente integrada; e
- Tem fácil acesso às drogas.

Estudos mundiais mostram que as drogas estão sendo experimentadas em idades muito precoces, tornando-se necessário que todo projeto de prevenção primária ao uso de drogas inclua trabalhos realizados desde antes do nascimento (orientação a gestantes).

Todos esses ingredientes estão na origem do Programa A Vida Sem Drogas, que considerou ainda, em 1998, as pesquisas do Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (Cebriad) indicando que a juventude do Brasil usa predominantemente as drogas consideradas lícitas e as obtêm em casa, na farmácia e em estabelecimentos comerciais. Daí a importância de se trabalhar a família e a sociedade como um todo.

A prevenção às drogas deve ser enfocada de forma mais ampla pois existem vários fatores associados ao comportamento do indivíduo que o leva a ser mais ou menos receptivo às abordagens ou mensagens que buscam modificar suas atitudes.

Segundo dados do Ministério da Saúde, as internações na rede do Sistema Único de Saúde (SUS) acarretam ao Brasil um prejuízo anual de bilhões de dólares com doenças decorrentes do consumo de álcool, fumo e de outras substâncias psicotrópicas; aumentando as taxas de homicídios e atos violentos, acidentes de trabalho e de trânsito, desagregação



familiar entre outros custos sociais e econômicos da utilização abusiva de substâncias psico-ativas.

De fato, os números de mortes e acidentados, relacionados de alguma forma ao uso de drogas, são impressionantes no Brasil. Já eram na época do nascimento do Ame a Vida Sem Drogas, continuam agora, quase dez anos depois da gênese do Programa.

Segundo o Ministério da Saúde, no Brasil o número de mortes por causas externas cresce a cada ano. Foi de 70.212 em 1980, subiu para 119.156 em 1996 e chegou a 127.470 em 2004. No conjunto das mortes por causas externas, 29% foram por acidentes de transporte em 1980 (30.365 óbitos), mantendo-se praticamente o mesmo nível, de 28% (35.674 mortes) em 2004. Mas a proporção do número de mortes por agressões e por arma de fogo subiu muito no período entre o contingente de óbitos por

Jardim Satélite Iris:
síntese das
contradições
sociais em
Campinas



causas externas, indo de 19,8% e 11,8%, respectivamente, em 1980, para 37,9% e 29,1%, em 2004. Sabe-se cientificamente que boa parte das mortes por acidentes de transporte, por agressões e uso de arma de fogo (sem falar nas seqüelas entre os acidentados) está de alguma forma associada ao uso de drogas, que está, portanto, na origem de milhares de óbitos anuais e de dor para milhões de pessoas.

Apenas esses números já justificam políticas públicas muito mais eficientes em prevenção primária ao uso de drogas no Brasil. Mas, como se não bastasse, está o desafio do uso de drogas no cenário educacional. Em dezembro de 1997, o Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (Cebrid) publicou seu 4º levantamento sobre uso de drogas em estudantes, trabalho que envolveu 15.503 alunos de 1º e 2º graus de 10 capitais brasileiras. A conclusão foi que estava crescendo o número de estudantes de 1º e 2º graus que fumavam maconha ou usavam cocaína. Afirmaram já ter experimentado maconha 7,6%, contra 4,5% da pesquisa realizada em 1993, o que significava um aumento de 68,9%.

Em julho de 2001 foi a vez da Unesco divulgar os resultados da Avaliação de Prevenção às DST/Aids e Uso Indevido de Drogas nas Escolas de Ensino Médio e Fundamental. A pesquisa foi feita em 14 capitais estaduais, à base de entrevistas envolvendo 50.049 alunos, 3.099 membros do corpo técnico-pedagógico e 10.225 pais de alunos. O levantamento foi feito em escolas públicas e privadas de ensino fundamental (5ª a 8ª série) e médio. A pesquisa revelou que 10% dos alunos admitiram uso regular de bebida, enquanto 3% declararam fumar todos os dias.

Sobre o tipo de drogas mais usado, 2% indicaram o uso de maconha, 0,6% a cocaína, entre outras. Em relação à freqüência do uso de drogas ilícitas, 3% declararam usar diariamente, quase todos os dias ou nos finais de semana, 4,9% informaram que usaram mas não usariam mais, e 92% declararam que nunca usaram droga ilícita. A pesquisa confirmou ainda que, na percepção dos entrevistados, o comércio de drogas é feito no entorno das escolas.

E foi justamente uma pesquisa específica, sobre a questão da violência envolvendo ambientes escolares, que acabou motivando a articulação que resultou no Programa Ame a Vida Sem Drogas.

O Conselho Municipal de Entorpecentes (Comen) promoveu em 1997 uma pesquisa entre dezenas de escolas de Campinas e constatou que a questão do uso de drogas tornava-se cada

vez mais desafiadora. E no I Encontro de Dirigentes Escolares do Município de Campinas (maio/1997) constatou-se que a temática das drogas vinha se tornando uma questão prioritária pelo aumento de sua incidência e pela falta de informação e capacitação dos professores e funcionários para lidarem com a questão.

Como o problema de drogas é complexo e atinge de forma diferenciada diversos grupos de pessoas, seria necessário o desenvolvimento de abordagens que levassem em conta a realidade de cada estudante e de cada escola.

Para a grande maioria dos estudantes pesquisados o uso de drogas foi apenas experimental, fator este a ser considerado para o desenvolvimento de um projeto de prevenção primária e estabelecimento de estratégias para se evitar que os mesmos passassem a fazer uso regular das drogas. Uma grande parte das crianças e adolescentes inicia o uso de drogas por falta de informações.

Por todos esses argumentos e dados, e pela pouca existência, na época, de ações na área de prevenção primária ao uso de drogas, os parceiros concluíram pela oportunidade de criação do Projeto (depois Programa) Ame a Vida Sem Drogas na cidade de Campinas.

A probabilidade de se obter resultados positivos em prazos relativamente curtos, principalmente no que se refere à disseminação de informações adequadas sobre drogas, principalmente na faixa etária de 7 a 12 anos, é grande. Porém, considerando a gravidade deste problema, o projeto seria estendido a todos os alunos das escolas, independente de sua idade, onde fosse implantado.

Faltava a definição da abordagem, e logo os parceiros constataram que o mais exitoso seria pela via da defesa e valorização da vida, de todas as maneiras, como forma de fortalecimento da auto-estima, da capacidade do jovem resistir às múltiplas situações de risco, inclusive as drogas. O caminho da arte-educação acabou sendo o escolhido, ao lado da capacitação dos professores para melhor abordar a questão. E assim acabou acontecendo, por meio de uma metodologia inovadora, desenvolvida pelos parceiros do Programa. Inovadora porque até então a abordagem sobre drogas era direta, baseada apenas na condenação e repressão, ou porque de fato inexistia, ainda, uma grande discussão sobre o assunto. Enfrentar a situação desafiadora, e de uma forma inovadora, já foi um dos efeitos positivos do Ame a Vida sem Drogas.

No ritmo da cidadania



Raízes da cultura brasileira recuperadas em oficina de percussão e esperança na EE Prof^a Rosina Frazatto dos Santos

Pintado com reverência e temor nas cavernas pré-históricas, ou cultuado nas resistentes touradas na moderníssima Espanha, o boi é um companheiro multissecular do ser humano através da história. No caldeirão cultural brasileiro ele reaparece, vez ou outra, na forma do maravilhoso bumba-meu-boi, uma das mais belas traduções do relacionamento humanidade-natureza.

Pois o bumba-meu-boi é um dos destaques da oficina de percussão que agita as crianças e a comunidade inteira da EE Prof^a “Rosina Frazatto dos Santos”, no Satélite Íris. A atmosfera é de encantamento, de puro deleite, quando os filhos de um dos bairros mais pobres de Campinas se envolvem na roda do boi - encarnado por uma das menores alunas da turma, Bruna Thaisa Gimenez Mota, 10 anos.

Na “pele” do boi, Bruna se transforma. Vira gigante, vibra, estimula. “Me sinto muito bem”, descreve a menina, de uma família de sete irmãos. As colegas concordam. “Muita alegria”, sintetiza Roseane Tito de Souza, 10 anos, que gosta de cantar e de compor.

O “motorzinho” da oficina é Marta Jardim, a Martinha. Professora de Educação Física, se identificou muito com a mescla de dança, música e expressão corporal da capoeira. Pesquisadora das histórias e estórias da cultura brasileira, tornou-se a oficineira de percussão do Ame a Vida Sem Drogas.

E acertou em cheio com os ritmos do Nordeste que agitam a oficina na EE “Rosina Frazatto dos Santos”. O Jardim Satélite Íris □ e toda Região Oeste de Campinas □ tem uma alta concentração de nordestinos e descendentes.

Batuquear é como as crianças chamam a oficina. No batuque da zabumba, do triângulo, do chocalho, meninos e meninas vão e vêm. “É muito bom para trabalhar ritmo, respeito, cooperação”, diz Martinha.

A oficina contribui muito para fortalecer a escola como um espaço respeitado e valorizado pela comunidade, ressalta a diretora, Maria Laedna Delfino Borges Silva. A escola como plataforma de esperança, usina de sonhos. “Quero ser juíza”, informa uma convicta Ana Paula de Jesus Candido, 11 anos.

Asfalto em ruas majoritariamente de terra, mais segurança, destinação adequada de lixo □ os desejos coletivos das crianças da oficina, na cadência do eterno bumba-meu-boi.

O diagnóstico das crianças é preciso. O Jardim Satélite Íris é um dos muitos bairros resultantes do crescimento urbanizado exagerado de Campinas nas décadas de 60 a 80, quando a população da cidade cresceu a taxas muito maiores do que as do Brasil e de São Paulo.

Nas décadas de 60 e 70 as taxas médias anuais de crescimento populacional na cidade foram de 5,5% e 5,9%, respectivamente, em comparação com as médias brasileiras de 2,9% e 2,5%. O motivo para a explosão demográfica foi o movimento migratório □ entre 1960 e 1990 Campinas recebeu cerca de 300 mil migrantes. Grande parte desses migrantes foi residir nas Regiões Sul e, principalmente, Oeste – caso dos pais ou outros parentes dos participantes da oficina de percussão na EE “Rosina Frazatto dos Santos”.

Um ingrediente especial marca a vida do bairro. Foi no Jardim Satélite Íris onde, durante muito tempo, funcionou o lixão de Campinas. Lixão mesmo, e não aterro. Era apenas um grande depósito de resíduos, encerrado em meados da década de 80, quando foi instalado o aterro do Parque Santa Bárbara. Muitas casas do Satélite Íris acabaram sendo erguidas muito próximas, ou na área do antigo lixão, com grande risco para os moradores. Duas décadas depois, a falta de destinação adequada de lixo ainda é visível nas ruas do bairro.

A condição sócio-econômica das famílias dos participantes da oficina espelha a situação precária do bairro. O Sistema de Gerenciamento de Programas Sociais, implantado na FEAC a partir de 2005, permite uma análise detalhada do cenário. As 23 crianças acompanhadas pertencem a 21 famílias, 15 das quais morando em área de ocupação e apenas 4 com casa própria. 12 famílias têm renda mensal de até 1 salário mínimo – sendo seis, até meio salário mínimo mensal.

Faxineiros, pedreiros, domésticas, porteiros, ajudante geral, babá, cobrador e doceiras são as profissões dos pais ou mães das crianças, que na oficina de percussão alimentam o sonho de uma vida melhor para si, para suas famílias e para o bairro.



Primeiros passos: sementes e parceiros do programa

O Programa Ame a Vida Sem Drogas apenas se tornou uma realidade, e de sucesso, pelo acúmulo de vários fatores, como:

- 1) O contexto dos anos 90.*
- 2) Os parceiros da iniciativa.*
- 3) Os apoios recebidos.*
- 4) O nome e o foco.*

1) O contexto dos anos 90

Os anos 90 foram marcados, no cenário brasileiro, por um duplo sentimento, visível sobretudo nas grandes áreas metropolitanas. De um lado, a sociedade brasileira estava cada vez mais consciente da crise de governabilidade, nos âmbitos municipal, estadual e federal, caracterizada pela ausência e/ou má gestão de recursos públicos, diante de uma demanda social crescente. A forte crise econômica dos anos 80, chamada “Década Perdida” pelos economistas, estava mostrando seus reflexos na década seguinte, a explosão dos índices de violência, atingindo, de modo mais evidente, a população jovem.

Por outro lado, os anos 90 foram os anos de um grande despertar, em boa parte justamente pela consciência de que a sociedade deveria ser mais proativa, rompendo com a cultura histórica de paternalismo, populismo e assistencialismo, que tem marcado a ação social e política no Brasil.

Os anos 90 foram, então, a década de surgimento da Ação pela Cidadania e Contra a Fome e a Miséria, liderada pelo sociólogo Herbert de Souza, o Betinho (1993). Foram



Rolf Leeven, Luiz Carlos Rossini e Sylvia Leeven
□ membros do Comitê inicial do Ame a Vida

também os anos do impulso recebido pelo voluntariado, como face de uma cidadania ativa, e da emergência do conceito de responsabilidade social.

E os anos 90 foram, além de tudo, a década de uma inquietação especial com a situação da infância e juventude. Em 1990 foi editado o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), um divisor de águas na história da infância e juventude no Brasil. Com o ECA, crianças e adolescentes se tornaram sujeitos de direito – e também deveres, claro – contra a tradição de considerá-los como “menores”.

De forma associada ao novo conceito de direitos da criança e adolescente, evoluiu o conceito de que o futuro de uma comunidade depende do que essa comunidade proporciona a seus jovens. O futuro da infância e juventude depende da comunidade, de políticas públicas debatidas, decididas e aplicadas pela comunidade, compreendendo todos os seus segmentos – setor público, empresarial, sociedade organizada. E os Conselhos Municipais – no caso,

notadamente o Conselho Municipal de Direitos da Criança e do Adolescente (Cmdca) □ seriam os fóruns privilegiados para essa articulação, para essa sinergia comunitária.

Em paralelo com os impactos positivos do ECA, cresceu a sensibilidade para a importância da educação como plataforma estratégica de desenvolvimento da juventude e do país como um todo. Países que, como o Brasil, eram considerados em desenvolvimento, passaram a colher na década de 90 os frutos de seus esforços especiais com a educação. Educação de qualidade e para todos – preocupação internacional, cada vez mais acentuada, depois da Conferência de Educação para Todos, realizada também em 1990 em Jomtien, na Tailândia.

A preocupação com a educação se refletiu fortemente em Campinas. Em 1989, antes do ECA e da Conferência de Jomtien, já havia sido criada a Fundação Educar DPaschoal, ligada ao Grupo DPaschoal. Nasceu com o propósito de apoiar iniciativas educacionais, e cada vez mais se formou no estímulo a ações de protagonismo juvenil e voluntariado, além da publicação de milhões de livros distribuídos gratuitamente para escolas e outras organizações.

Na década de 90 surgiram iniciativas como a Aliança de Campinas pela Educação, estruturada sob o incentivo da FEAC com o objetivo de Educação para todos e de qualidade. A Aliança resultou de seminário interno na FEAC, em 1995, que reafirmou a Educação como prioridade máxima da instituição. A Aliança de Campinas pela Educação foi uma nova iniciativa deflagrada pela FEAC, com vários frutos entre programas e projetos, que mobilizou a cidade e que se tornou exemplo nacional de integração de esforços, no espírito que orientou a vida da instituição em suas quatro décadas de ação social.

Com o espírito da Aliança de Campinas pela Educação, a FEAC acabaria apoiando vários projetos e programas. Entre eles, o Programa Ame a Vida Sem Drogas.

Campinas foi, em síntese, uma vitrine perfeita das contradições vivenciadas pelo Brasil nos anos 90. De um lado se consolidava a Campinas reluzente, do parque científico e tecnológico, do alto PIB per capita. De outro, a Campinas da exclusão. Cerca de 20% da população morando em favelas ou outras situações de sub-habitação. E a violência crescendo, atingindo, e muito, a juventude.





Rolf Leeven □
credibilidade dos
parceiros fortaleceu
aliança

A situação dos meninos e meninas de rua era especialmente desesperadora em meados da década de 90. Entre 1988 e 1998 foram assassinados 200 jovens e adolescentes em Campinas. A maioria dos casos esteve relacionada à guerra do narcotráfico. O recorde de assassinatos de menores aconteceu em 1993, com 36 execuções. Em 1995 aconteceram 10 homicídios de meninas, ou 38% do total de 26 menores assassinados na cidade no ano. A média nacional de meninas assassinadas era de 20% do total de menores exterminados.

Havia, então, em Campinas, como um reflexo da conjuntura brasileira, de um lado um segmento importante da sociedade, que se empenhava por aprofundar a garantia dos direitos da criança e do adolescente estabelecidos no ECA. De outro, a situação real, de violência na juventude, e com indícios de impacto crescente do uso de drogas. O cenário em Campinas era, assim, favorável ao aparecimento de iniciativas de prevenção primária ao uso de drogas.

2) Os parceiros da iniciativa

Os parceiros protagonistas, que formaram uma sólida parceria para o Programa Ame a Vida Sem Drogas, foram essenciais para a consistência da iniciativa. A começar pelo Conselho Municipal de Entorpecentes (Comen), autor da pesquisa, indicando que a questão das drogas era uma preocupação crescente nas escolas locais.

Após a pesquisa feita nas escolas, o Comen passou a pesquisar instrumentos de ação, com a perspectiva preventiva, considerando a realidade escolar de uma cidade de porte metropolitano como Campinas. Foi então que o Comen teve acesso a uma cartilha utilizada no Canadá, e que precisava ser traduzida e adaptada à realidade brasileira em geral e de Campinas em particular.

O presidente do Comen, Luiz Carlos Rossini, procurou o Conselho Municipal de Direitos da Criança e do Adolescente (Cmdca) para conversar sobre uma possível iniciativa conjunta. O Cmdca era um parceiro ideal, considerando o protagonismo que o Conselho vinha adquirindo desde a edição do ECA.

A presidente do Cmdca, Sylvia Leeven, apoiou imediatamente a intenção do Comen, e iniciou conversas internas para a deliberação sobre como o Conselho participaria. Havia ainda a perspectiva do Cmdca procurar recursos, através do Fundo Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente e de doações pelo 1% do Imposto de Renda, para financiar as ações.

Foi fundamental nesse sentido a parceria com outra organização, o Grupo de Empresários Amigos da Criança (Geac). O Geac havia sido criado justamente para estimular, entre o empresariado de Campinas e região, a doação ao Fundo, através do 1%, entre outras ações destinadas a financiar programas e projetos direcionados à conquista e fortalecimento dos direitos da infância e juventude.

Aos poucos a parceria foi aumentando. Os idealizadores procuraram em seguida a Fundação FEAC, pela sua liderança na ação social em Campinas, pela sua atuação histórica na área da



educação e por sua rede de mais de 100 entidades sociais filiadas. O presidente Luís Norberto Pascoal e o vice-presidente da Área Social, Darcy Paz de Pádua, colocaram a instituição à disposição.

A FEAC se firmaria, de fato, como a organização executora do projeto, depois programa, Ame a Vida Sem Drogas. Nem os Conselhos Municipais – Comen e Cmdca – e nem o Geac poderiam ser executores, em função de seu formato legal e missão institucional. A FEAC também se voltou para o gerenciamento dos recursos e da metodologia empregada, baseada na promoção de oficinas de capacitação para professores e em oficinas artísticas, culturais e esportivas para os jovens das escolas.

Rossini □ foco sempre foi no amor à vida



O outro parceiro, fundamental para a arquitetura do projeto, foi a Federação Brasileira das Comunidades Terapêuticas (Febract). A Febract é fruto do trabalho de várias pessoas que dedicaram grande parte de suas vidas a ações de prevenção e cuidado de usuários de drogas.

Em Campinas esse trabalho teve o impulso decisivo do padre Haroldo Rahm, um religioso jesuíta de origem norte-americana, que se estabeleceu em Campinas no início da década de 60. Ele acompanhou e participou diretamente dos momentos iniciais da Fundação FEAC. No casarão da Fazenda Vila Brandina,



Sylvia Leeven □
apoio inicial do
Cmdca

patrimônio da FEAC, o padre Haroldo liderou diversas iniciativas, e entre elas o trabalho com comunidades terapêuticas. O casarão passou a sediar a Febract, que se dedicou à capacitação de multiplicadores em atividades de prevenção e cuidado com drogaditos.

Fundada em 16 de outubro de 1990, a Federação Brasileira de Comunidades Terapêuticas (Febract) é uma sociedade civil, sem fins lucrativos, inscrita em vários órgãos. A Febract iniciou suas atividades numa época em que a grande maioria das Comunidades Terapêuticas atuava sem qualquer respaldo técnico.

A Febract teve, assim, como primeira preocupação a realização de cursos que ministrassem conhecimentos básicos ao pessoal das Comunidades Terapêuticas e a todos que trabalhavam com programas de prevenção ao uso de drogas. Iniciando suas atividades em 1994, o Centro de Formação e Treinamento já ofereceu cursos para o pessoal de mais de 500 comunidades terapêuticas e representantes de instituições diversas que se preocupam com o problema da dependência química: redes escolares municipais e estaduais, órgãos governamentais ligados à Saúde e à Justiça, Universidades, Exército, Marinha, Polícias Militar e Civil, Conselhos Municipais de Entorpecentes, Conselhos Tutelares, Núcleos de Amor Exigente, Prefeituras Municipais, grupos de diversas confissões religiosas e hospitais.

A Febract foi obviamente procurada por sua experiência na área. “As primeiras coordenadoras do Programa Ame a Vida, funcionárias da FEAC, participaram de nossos cursos, e depois atuamos na capacitação dos professores”, diz Saulo Monte Serrat, representante da Febract no Comitê Gestor do Programa. O professor e psicólogo Saulo Monte Serrat deu aulas durante anos na Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas) – foi diretor do Instituto de Psicologia da instituição por uma década. Sempre esteve diretamente ligado ao debate sobre prevenção e tratamentos na área do uso de drogas.

Estava, enfim, constituída a parceria, entre Comen, Cmdca, Fundação FEAC, Geac e Febract. Parceria estabelecida no espírito da Aliança de Campinas pela Educação, que propugnava pela ação intersetorial para o equacionamento dos múltiplos desafios relacionados à educação no Brasil.

Os objetivos gerais e específicos do Projeto, depois Programa Ame a Vida Sem Drogas, estão comentados no Quadro I. Faltavam os recursos financeiros para o desenvolvimento da iniciativa, e eles apareceram, exatamente pela seriedade dos parceiros.

Quadro I

Objetivos geral e específicos do programa ame a vida sem drogas no lançamento da iniciativa, em 1998

Objetivo geral □ Prevenir o uso indevido de drogas nas escolas, construir o conceito de qualidade de vida e de cidadania, informando e capacitando a comunidade escolar através de atividades educativas, sociais, culturais, esportivas e lúdicas, envolvendo também nas ações a família e a comunidade local de cada escola. O objetivo geral foi atingido, restando o desafio de maior envolvimento das famílias no processo.

Objetivos específicos:

- Promover mudanças de atitudes em relação às drogas
- Desenvolver e elevar o sentimento de auto-estima
- Trabalhar limites e tomada de decisão
- Propiciar a incorporação de valores construtivos
- Auxiliar a criança e adolescente a resistir às pressões sociais
- Desenvolver o campo sócio-afetivo e ampliar a visão de mundo de crianças e adolescentes
- Promover um estilo saudável de vida
- Tornar a escola um ambiente de referência da criança, adolescente e família
- Facilitar o acesso da comunidade à escola
- Ampliar atividades alternativas a crianças e adolescentes dentro do ambiente da escola
- Oportunizar a crianças e adolescentes a construção de uma vida mais sadia e digna
- Trabalhar para a eliminação do estresse
- Informar estudantes, pais, professores, funcionários e comunidade escolar sobre os temas relativos à prevenção de drogas e propiciar a incorporação de valores construtivos
- Fortalecer a identidade das crianças e jovens para resistir às drogas
- Incentivar projetos de vida e resgatar bom humor
- Incluir o programa dentro do planejamento escolar/currículo escolar

Todos os objetivos específicos foram de alguma forma atingidos, em quase dez anos de iniciativa.

3) Os apoios recebidos

“O Geac respaldou de cara a idéia”, afirma Rolf Leeven, que na época presidia o Geac. Ex-presidente da Bosch, Rolf foi determinante no contato com algumas empresas, que foram os primeiros apoiadores financeiros do ainda projeto.

Rolf Leeven explica que a busca de patrocinadores na iniciativa privada deve levar em consideração a cultura e a dinâmica de atuação do setor empresarial. “Projetos nebulosos, sem transparência sobre a gestão dos recursos ou sem uma metodologia clara têm grande possibilidade de serem recusados”, observa.

Do mesmo modo, é essencial a clareza sobre os resultados que são perseguidos pelo projeto. No caso, o propósito do projeto era a capacitação de educadores e desenvolvimento de atividades lúdicas e culturais com jovens, fortalecendo a auto-estima, dando novas perspectivas de vida para eles.

A primeira edição do Ame a Vida Sem Drogas recebeu recursos do Bradesco e da Daimler-Chrysler, além do apoio da Câmara Brasil-Alemanha, Companhia Melhoramentos e Bosch Freios. Rolf Leeven assinala que a credibilidade dos parceiros – FEAC, Geac, Comen, Cmdca, Febract – foi fundamental para a obtenção dos recursos necessários para a primeira edição. Siemens e outras empresas participaram das demais edições.

4) O nome e o foco

A discussão em torno da escolha do nome do projeto esteve diretamente relacionada à escolha de seu foco, de sua forma de atuação, e vice-versa. “Desde o início estava claro que o foco não poderia ser o da abordagem direta sobre o uso de drogas. O foco era a valorização da vida, a beleza da vida, e através disso o jovem seria fortalecido, estaria mais forte para dizer não à droga ou outra opção apontando para a morte”, diz Rossini.

Todo material utilizado no projeto e, depois, programa Ame a Vida Sem Drogas, a metodologia da iniciativa, as ações concebidas e executadas – tudo isso foi desenvolvido sob o prisma do amor à vida, a vida toda, a vida do jovem, a vida da família, a vida dos membros de sua comunidade, a vida que cerca e que está na água, na terra, nas flores, nos animais.

Ginástica pela inclusão



Ginástica Geral fortalece auto-estima e resiliência de jovens da EE Campo Grande II

Alonga aqui, contorce ali, salta acolá. A oficina de Ginástica Geral é esperada com ansiedade pelos alunos participantes, da Escola Estadual Campo Grande II, Região Oeste de Campinas. Na área mais populosa da cidade, com imensa maioria de população de baixa renda, são poucas as opções culturais, de lazer ou esportivas. Momentos como o da oficina são únicos.

“É muito bom participar porque, quando formos mais velhos, seremos mais saudáveis”, disse Débora Ferreira Barbosa, 10 anos, aluna da 4a série do ensino fundamental. “Quero ser professora quando crescer e ensinar outras crianças”, completou. “Eu amo fazer”, resumiu Larissa Severo, 10 anos, que pede “mais respeito” com a escola e o bairro.

Os meninos não estavam menos animados, como Flávio Gonçalves Martins, 10 anos. “A gente aprende a esticar o corpo”, informou.

A professora da oficina Andreza Chiquitto, foi estagiária do Programa Ame a Vida em 2003 e éicineira desde 2005. Ela se encanta e se entusiasma com os resultados. “Eles são muito carinhosos, e com o tempo aumentam o cuidado com a escola, com o colega. É animador”, revela a professora de uma das oficinas que foram mantidas desde o início do Programa Ame a Vida Sem Drogas.

Luciano Truzzi era estudante de Educação Física na Unicamp em 1999, e integrava o Grupo Ginástico Unicamp (GGU). O Grupo foi criado em 1989

como um projeto de ensino, pesquisa e extensão da Faculdade de Educação Física da Unicamp, sendo composto essencialmente de estudantes e professores de Educação Física e com o propósito da prática da Ginástica Geral e a difusão de sua proposta pedagógica na educação formal e não formal, assim como para o público em geral.

Sob a direção-geral da professora Elizabeth Paoliello, o GGU (www.ggu.com.br) participou, a convite da FEAC (Maria Cristina), das discussões iniciais sobre as linhas que deveriam ser imprimidas na oficina de Ginástica Geral, em sintonia com as propostas do Ame a Vida. Como estudantes, Luciano Truzzi e Andresa de Souza Ugaya participaram como monitores do projeto-piloto, na EE 31 de Março, no Jardim Santa Mônica. Depois Luciano participou de um programa na Dinamarca e, no retorno ao Brasil, voltou a se integrar, como funcionário, à equipe da FEAC, atuando em vários programas e projetos.

O ginasta observa como, desde o início, a oficina de Ginástica Geral seguia a não-competição e os princípios gerais de conhecer, praticar, vivenciar e apresentar, seguidos pelo GGU. "Não se tratava de buscar o melhor, e nem havia discriminação de sexo ou idade. Era a ginástica como meio de divulgação de um novo estilo, mais saudável, de vida. Nunca falei para os meus alunos diretamente sobre drogas", afirma Luciano.

Pela ginástica, acentua, as crianças passam a ficar mais atentas ao corpo, a cuidar melhor dele, e também com a alimentação e outras questões associadas. Luciano nota que a evolução era nítida. "No início eram tímidos, envergonhados, e depois passavam a ficar mais desinibidos e com comportamentos mais adequados. E, cuidando de si, também passaram a olhar mais atentamente para a escola, para o espaço, para o outro", salienta.

Um dos aspectos positivos é que a Ginástica Geral não necessita de grandes recursos materiais, diz Luciano Truzzi.

"Se tiver, melhor, mas o essencial é a criança e o espaço". Outro fator relevante: a atividade da Ginástica Geral tem tudo a ver com a criatividade e expressividade do brasileiro, fruto da mescla racial e cultural que o caracteriza. "É visualmente bonita como espetáculo, é muito agradável para quem faz e assiste", afirma. Claro que existem os desafios, como alguns mitos relacionados à Ginástica Geral e ao fato de que ela apenas recentemente é mais conhecida do grande público.

A atuação de Luciano Truzzi, Andresa Ugaya e Andréa Desidério, todos do GGU, foi destacada na publicação dinamarquesa *Culture Sports*. No primeiro número da revista o trabalho dos ginastas, na oficina do Ame a Vida, mereceu um elogioso artigo. Luciano Truzzi esteve na Dinamarca, participando de programa da *Isca (International Sport and Culture Association)*.

Em 1999, na EE 31 de Março, eram cerca de 180 crianças praticando, em quatro turmas. Depois a oficina foi oferecida em outras escolas, e em 2006 na EE Campo Grande II, uma das mais novas escolas estaduais em Campinas. A diretora, Jane de Camargo Caetano, entende que “é fundamental a parceria de uma escola estadual com uma instituição como a FEAC”.

Ela considera que a qualidade do ensino na escola pública será cada vez maior em função dessas parcerias. “Temos nossos desafios. No momento estamos lutando, por exemplo, para estruturar um curso de informática, pois já temos computadores mas ainda faltam monitores”, contou. Atividades como a oficina de Ginástica Geral são “muito importantes para os alunos e a comunidade valorizarem cada vez mais a escola”, acrescentou a diretora, uma incontida esperança no olhar.

Legenda
??????????
??????





Metodologia e evolução do programa com as oficinas

A metodologia do Ame a Vida Sem Drogas baseou-se no oferecimento de oficinas aos alunos de escolas e usuários de entidades sociais, nas áreas de capoeira, ballet, teatro de mamulengos, meio ambiente, leitura e de contar histórias, entre outras. O Programa cresceu muito.

A pedagoga Maria Bernadete Gonçalves de Souza era a gestora do Departamento de Desenvolvimento Social e Educacional (DDSE) da Fundação FEAC, no momento da constituição das parcerias e lançamento do Programa Ame a Vida Sem Drogas. Foi importante peça na articulação das ações desenvolvidas. Ela explica a metodologia desenvolvida.

Para ela, um dos méritos do Programa foi fornecer uma opção de abordagem para a temática das drogas, mas de forma indireta, através da arte-educação e oficinas de capacitação dos professores. "Hoje já reduziu, mas havia uma resistência maior dos professores em tratar do tema. O Programa mostrou que era possível lidar com o assunto, com foco na criança, na valorização da vida", afirma. Outra novidade importante, destaca Maria Bernadete, foi a utilização da arte-educação como ingrediente fundamental da metodologia de prevenção





Maria Bernadete
Gonçalves de Souza
□ arte-educação como
estratégia foi inovador

primária. “Hoje é mais comum, mas na época não. Optou-se pela arte-educação porque os resultados eram mais rápidos, além de potencializar a rica cultura brasileira”, explica.

Um terceiro ponto importante, completa, foi a escolha pelo trabalho com crianças mais novas. “Quanto mais cedo se trabalhar na prevenção primária, melhor”, diz.

E o quarto ponto: a escolha dosicineiros sempre foi meticulosa, assinala Maria Bernadete, citando a contribuição de Elizabeth Pauliello, da Faculdade de Educação Física da Unicamp na discussão das linhas da modalidade de Ginástica Geral. “O oficineiro sempre foi visto como um educador, com postura e habilidades de educador”.

Foram então definidas áreas para a promoção de oficinas de arte-educação, direcionadas para jovens das escolas participantes. Seria a forma de envolvimento das crianças em atividades lúdicas, prazerosas, relacionadas a sua cultura, como forma de fortalecimento da auto-estima, de combustível para a tão necessária resiliência, para



Luciano Truzzi □ apoio da Unicamp foi importante no começo

as múltiplas situações de risco social a que milhares de jovens brasileiros são submetidos.

As oficinas seriam em áreas como capoeira, ballet, teatro de mamulengos, meio ambiente, leitura e de contar histórias, além da Ginástica Geral, sempre muito presente, pelo apoio do ????????????????

Ao lado das oficinas de arte-educação e Ginástica Geral, seriam desenvolvidas oficinas de capacitação para os professores da rede pública. Capacitação em prevenção primária, em abordagem indireta sobre a questão das drogas, com uma visão ampla da temática. Participariam das oficinas, como expositores, grandes nomes do setor de prevenção primária. Muitos deles já haviam participado de ações da Febract.

“Algumas escolas mostrariam resultado melhor que outras, pelo maior comprometimento da equipe escolar que não via a oficina e capacitação como atividades a mais, mas algo importante no processo pedagógico, que deve ser incorporado de forma permanente. Não existe a hora da prevenção, o trabalho de fortalecimento deve ser perene”, resume Maria Bernadete Gonçalves de Souza.

As estratégias e a metodologia do Programa Ame a Vida Sem Drogas, conforme foi concebido em 1998, estão resumidas no Quadro II. Está claro que houve um planejamento estratégico para o Programa. Os objetivos, que seriam as metas, foram comentados no Capítulo II. As estratégias e a metodologia estão indicadas no Capítulo III.

Quadro II

Estratégias e metodologia do Programa Ame a Vida Sem Drogas

Estratégias

- Envolver professores, funcionários, famílias e comunidade no planejamento das ações (estratégia cumprida, com o desafio de maior envolvimento das famílias)
- Promover oficinas e/ou atividades esportivas, culturais e lúdicas (estratégia cumprida)
- Trabalhar com atividades lúdicas (estratégia cumprida)
- Informar às crianças e aos adolescentes, pais e professores sobre a infância e o adolecer (estratégia cumprida)
- Trabalhar nas diversas disciplinas o problema da drogadição (estratégia cumprida em parte)
- Capacitar professores, funcionários, voluntários e comunidade, sensibilizando-os para a prática de multiplicadores (estratégia cumprida em parte, com desafio de capacitação de voluntários e comunidade como multiplicadores)
- Incentivar a mobilização do trabalho dos pais na escola (estratégia cumprida em parte, o maior envolvimento da família continua sendo desafio)
- Incentivar o protagonismo juvenil (estratégia cumprida)
- Recuperar os espaços escolares (estratégia cumprida em parte – o Programa foi importante para ajudar na consciência sobre importância de recuperação dos espaços escolares)
- Abrir a escola para eventos a ser realizados juntos e para a comunidade (estratégia cumprida – o Programa Ame a Vida Sem Drogas foi pioneiro em propor a iniciativa, o Programa Escola da Família, do governo de São Paulo, aponta na direção da abertura para a comunidade)
- Trabalhar as cartilhas do programa dentro da sala de aula (estratégia cumprida)
- Articular na comunidade os recursos existentes para trabalhar em conjunto (estratégia cumprida em parte, ainda é desafio maior envolvimento comunitário)

Metodologia

- Planejar de forma participativa, respeitando as especificidades de cada escola (ação cumprida)
- Equipe multidisciplinar (ação cumprida)
- Estabelecer convênios com outras instituições (ação cumprida em parte – foram estabelecidas algumas importantes parcerias)
- Buscar parceria para apoio financeiro (ação cumprida)
- Formar multiplicadores para que haja continuidade e gerenciamento das escolas-piloto após o término de atuação do programa nas escolas (ação cumprida em parte, resta desafio de capacitação de maior número de multiplicadores)
- Otimizar recursos existentes (ação cumprida)
- O programa trabalhará com as seguintes oficinas: Capoeira e Dança Regional, Bonecos, Artes e Contos (ação cumprida e ampliada, pois foram incorporadas outras oficinas de sucesso, como Circo e Balé),
- Meio ambiente, em parceria com Instituto de Ambiente Total (ação cumprida, nas primeiras edições do Programa)
- Ginástica Geral, em parceria com Unicamp (ação cumprida, a parceria com a Unicamp aconteceu nas primeiras edições)

De acordo com a metodologia proposta, estaremos construindo uma metodologia de trabalho que:

- Mobilizará a comunidade para o gerenciamento e continuidade do programa (objetivo atingido em parte, maior envolvimento da comunidade continua sendo desafio)
- Concretizará o intercâmbio entre as escolas particulares e as públicas (objetivo não foi atingido, faltou aproximação entre escolas públicas e particulares)
- Envolverá as famílias nas ações da escola, contribuindo para a melhoria da qualidade da educação (objetivo atingido em parte, maior envolvimento da família continua sendo desafio)
- Contribuirá para a formação de novos cursos de prevenção primária (objetivo cumprido em parte, algumas novas ações evoluíram a partir do Programa)
- Desenvolverá ações voltadas para prevenção primária em drogas (objetivo cumprido)
- Prevista implantação, após avaliação do projeto-piloto, em escolas particulares (objetivo não foi cumprido)

As primeiras edições e o crescimento

A primeira escola mobilizada foi o Caic da Vila União, onde já havia sido realizada uma Gincana Social pela FEAC. Mas depois foi estruturado e lançado um projeto-piloto, em quatro escolas de bairros de alta concentração de famílias de baixa renda, somando mais de 200 professores e 5.840 alunos.

As escolas iniciais do Programa Ame a Vida Sem Drogas foram EE 31 de Março, no Jardim Santa Mônica; EE Professora Rosina Frazatto dos Santos e São Judas Tadeu, no Jardim Satélite Íris; e Caic Zeferino Vaz, da Vila União.

A EE 31 e Março já tinha uma parceria com a Fundação FEAC, no âmbito da Aliança de Campinas pela Educação. "Foi fundamental o apoio da diretora da escola, que abraçou a idéia com todo entusiasmo. Conseguimos na escola o propósito de estabelecer uma comunidade escolar, com envolvimento de todos setores. Os alunos, por exemplo, iam procurar o colega em casa e indagar por que ele não foi à aula. Isso é consciência de trabalho de grupo, que foi desenvolvida na época na escola", diz o professor Saulo Monte Serrat.

Desde cedo, vários ganhos passaram a ser observados, de forma direta ou indireta. Os participantes da oficina de balé, na EE Rosina Frazatto dos Santos, eram em sua maioria do sexo masculino, o que ajudou a quebrar mitos relacionados à prática.

Do mesmo modo, oficinas de teatro de mamulengos despertaram a criatividade e o improviso. E as oficinas de capoeira já reforçavam valores culturais e raciais. Todos os participantes das oficinas, ao final de cada uma delas, testemunhavam como ganharam em desinibição e reforço da auto-estima.

O ex-presidente do Comen, Luiz Carlos Rossini, entende que o Ame a Vida Sem Drogas, como uma das únicas atividades contínuas de prevenção no âmbito escolar em Campinas, na virada do milênio, deu contribuição fundamental para alicerçar a compreensão da importância de se discutir o tema de uma forma inovadora, e nesse sentido foi essencial para ajudar na consolidação da cidadania e na prevenção à violência na Região Metropolitana de Campinas.

“Um dos pontos bonitos do Programa é que ele sempre trabalhou a resiliência, ou seja, a capacidade dos jovens superarem obstáculos e estarem preparados para enfrentar os riscos sociais”. Maria Bernadete Gonçalves de Souza assinala que outro ponto forte, desde o início, foi estimular o protagonismo juvenil, pelo entendimento de que “o jovem é solução e não um problema”.

A pedagoga entende que o trabalho colegiado entre os parceiros, decidindo os passos seguintes em comitê, foi essencial para a evolução da iniciativa. “Ninguém se sentia dono”, observa.

Pela metodologia empregada, por todo envolvimento dos parceiros e outros apoiadores, logo o Programa Ame a Vida Sem Drogas cresceu de forma expressiva. Em 2000, foi ampliado para 14 escolas da rede pública e 25 organizações da sociedade civil, abrangendo cerca de 16 mil alunos. Em 2002 já estavam envolvidas 25 escolas, 23 estaduais e duas municipais, com 15 mil alunos, e 14 entidades, com mais de 200 usuários. As primeiras coordenadoras do Ame a Vida, pela FEAC, foram Maria Cristina Amoroso Leite de Barros Lima e Osonia Maria Pisato. Depois, foram coordenadoras Rosemari Simalha Scarabotto e, atualmente, Valéria Rodrigues. Foi importante a parceria e apoio dos Dirigentes de Ensino das Diretorias Leste e Oeste de Campinas - professor Antonio Adimir Schiavo (DRE Oeste) e professora Célia Maria Ferreira (DRE Leste).

Revisão de metodologia, visando novo olhar pedagógico

Em 2000, o Programa Ame a Vida Sem Drogas ampliou o número de Escolas e Entidades Sociais participantes. Essa ampliação exigiu a revisão da metodologia utilizada pelo Programa no que diz respeito ao trabalho desenvolvido com os professores e educadores.

Até então, o trabalho com os professores era feito nas Unidades Escolares nos Horários de Trabalho Pedagógico Coletivo – HTPC e o foco era ampliar o conhecimento destes sobre o tema drogas e seus malefícios. Apropriar-se desses conhecimentos era de extrema importância, no entanto, as situações sociais que envolviam os contextos escolares não davam aos professores a segurança necessária para abordarem o assunto em sala de aula.

A partir de 2001, a metodologia foi alterada. A proposta foi passar a trabalhar por representatividade e fomentar o surgimento de grupos de prevenção dentro dos espaços escolares. Para tanto, ao decidir fazer parte do Programa, cada Escola deveria indicar 2 professores que seriam seus representantes junto ao Ame a Vida. A esse trabalho com os professores deu-se o nome de Projeto Educação Preventiva.

Esses professores freqüentariam os encontros mensais propostos pelo Projeto Educação Preventiva, onde o foco estava centrado na capacitação em prevenção primária. Os professores representantes das Escolas assumiram a incumbência de socializar os temas e/ou conhecimentos com os demais docentes, buscando sempre a formação de grupos de prevenção. Periodicamente a equipe do Programa estaria presente nos HTPC's para monitorar o andamento da socialização e verificar se estas estavam gerando ações preventivas dentro das Unidades Escolares e, ao final de cada ano, os docentes teriam espaço para socializar com todos os integrantes do Projeto de Educação Preventiva as ações realizadas em suas unidades.

A mudança de metodologia também proporcionou aos professores a oportunidade de participarem de oficinas de clown, mamulengo, teatro, contos. Participar dessas oficinas permitiu aos professores a aquisição de importantes

ferramentas para o desenvolvimento, em sala de aula, de ações preventivas ao uso indevido de drogas.

Valorizar a vida é a premissa do Programa Ame a Vida Sem Drogas, assim, procuramos construir com os professores e educadores os conhecimentos pertinentes sobre o seu saber e o seu fazer que possam auxiliá-los no estabelecimento dos indicadores necessários para diagnóstico e compreensão dos contextos sócio-familiares que envolvem seus alunos. Entendemos que é por meio do conhecimento e compreensão dessa dinâmica que o professor encontra alternativas para minimizar em sala de aula, as conseqüências dos problemas sociais que interferem no processo ensino-aprendizagem e que contribuem para o fracasso escolar.

Uma das grandes preocupações da equipe responsável pelo Programa é poder oferecer aos docentes partícipes momentos de aquisição de conhecimento e reflexão crítica sobre o seu fazer. O trabalho realizado com os professores está pautado em pesquisas sobre Educação, nas avaliações periódicas e no livro adotado pelo Programa: Liberdade é Poder Decidir, de Maria de Lurdes Zemel, uma das autoras que tivemos a oportunidade de trazer para falar sobre o assunto com os professores.

Os encontros realizados têm sido marcantes no que se diz respeito a revisão do papel profissional dos professores, não somente quanto à adoção de um comportamento preventivo, mas na retomada da importância do professor como agente formador na vida do seu educando. Destacamos dois momentos importantes desse trabalho: primeiramente, ao longo desses anos pudemos contar com a participação de consultores como a Dra. Marilda Lippi – que trabalhou o tema “O Stress do Professor”, a Dra. Leila Justi – Psicóloga, que discorreu sobre “Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade”; Prof^a. Lúcia Britto, cujo tema foi “Criatividade na Educação”; Dra. Claudia Sandroni – Psicóloga, que trouxe os seus conhecimentos sobre o Efeito Bullying na Escola, Dr. Mário Sergio Cortella que compartilhou o tema “Ética, Indivíduo e Sociedade”, e tantos outros que trouxeram aos professores as informações necessárias sobre temas pertinentes ao cotidiano escolar.

O segundo momento refere-se aos encontros dirigidos pelos técnicos responsáveis pelo Programa. O objetivo desses encontros é auxiliar os docentes a aproximarem as informações trazidas pelos consultores e os textos utilizados

pelo Programa, da prática, do cotidiano, do contexto de cada unidade escolar, sempre tendo como foco ações preventivas que possam auxiliar no reforço das barreiras naturais ao uso indevido de drogas.

Os professores, que iniciam sua participação nesse contexto de forma tímida, ao longo do ano vão mostrando como os encontros do Projeto Educação Preventiva têm contribuído na construção de uma nova metodologia de trabalho.

Interessante ouvir: “eu mudei... melhorei enquanto pessoa, tive que rever os meus preconceitos, e hoje admito o quanto era preconceituosa quando comecei no programa. Acho que ainda sou um pouco, mas vejo com outros olhos os meus alunos...” – Prof^a. Cecília.

“Como eu poderia falar para meus alunos que cigarro é uma droga que faz mal para a saúde, se eu fumava...???? Seria incoerente da minha parte. Estaria falando uma coisa e fazendo outra! Parei de fumar, consegui convencer meu marido a parar e hoje tenho maior propriedade para servir de modelo para meus alunos e conversar com eles sobre as drogas lícitas...” (Prof^a. Stela Cristina)

“... quando aquele aluno (tão levado!) me perguntou se eu apanhava do meu marido todos os dias e minha resposta foi negativa, ele me contou que seu pai batia em sua mãe todos os dias... eu fiquei sem ação, sem saber o que fazer, fui para casa angustiada.

Depois daquela aula, eu mudei o meu olhar sobre meus alunos, eu precisava estar mais perto e conhecê-los mais... eles mereciam isso, precisavam disso...” (Prof^a. EE Vida Nova)

Esses encontros também são espaços onde os professores podem apresentar as atividades realizadas nas escolas. Esses espaços são ainda cenário de mudança de paradigma: alunos são trazidos para contar para outros professores as suas experiências em prevenção primária. São momentos de muita riqueza e crescimento para professores e para educandos, onde ambos têm a oportunidade de ouvir e ser ouvidos, onde ambos materializam Paulo Freire: “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”.

O Projeto Educação Preventiva, na proposta do Programa Ame a Vida sem Drogas, é a oportunidade de criação de uma nova relação entre educador e educando. É a educação para a vida dando significado aos conteúdos, às experiências.

Quadro III

Apresentações gerais foram marcantes

As apresentações de final de ano, dos jovens participantes das oficinas, sempre foram um momento marcante na trajetória do Ame a Vida. Oportunidade para mostrar o que foi feito, a evolução, os conceitos da cidadania, da cultura, da vida saudável na prática. E geralmente com grande participação dos orgulhosos pais – muitos deles mais interessados, a partir das apresentações, a acompanhar e se integrar mais no universo das escolas ou entidades onde estavam os filhos.

Em 31 de outubro de 2000 a apresentação aconteceu no Teatro Castro Mendes, o segundo espaço teatral mais importante de Campinas, onde costumam se apresentar nomes como Paulo Autran, Orquestra Sinfônica de Campinas ou Denise Stoklos. Mais de 1000 pessoas acompanharam as duas sessões do espetáculo, cuja direção teve assinatura de Pedro Molfi, e o figurino do balé clássico, de Hugo Marinelli. Ele chegou a ministrar oficina de figurino para as mães do Jardim Satélite Íris, que confeccionaram parte das roupas usadas pelos filhos – do sexo masculino, em grande parte. O cabelo e a maquiagem foram de Waldir, do Ênio Cabeleireiros – todos esses profissionais atuaram de forma voluntária.

Logo no hall de entrada do Teatro Castro Mendes os familiares se encantavam com o que viam – a exposição de fotos “Detalhes de um sonho”, da fotógrafa Dominique Torquato. A fotógrafa havia registrado belas imagens de vários momentos das oficinas.

O espetáculo teve como tema geral as artes circenses. Participaram mais de 100 crianças e adolescentes de 7 a 15 anos, protagonistas das oficinas de balé clássico, capoeira, clown e ginástica geral.

A Fundação FEAC custeou o transporte das crianças. O espetáculo noturno foi aberto ao público em geral. À tarde foi promovida uma pré-estréia do espetáculo para as crianças que participaram das outras oficinas e que não se apresentaram no show.

Outra apresentação inesquecível foi a da edição de 2003, em 28 de novembro, na unidade Amoreiras do Serviço Social da Indústria (Sesi). A abertura foi pelos usuários do Projeto Gente Nova (Progen), que esbanjaram alegria e dinamismo na oficina de artes circenses.

A dança de salão foi o destaque seguinte, por alunos da 2ª série do ensino fundamental da EE Parque Itajaí II, sob a orientação do professor Henrique Carioca. O show particular de tango, da pequena dupla Jonathan de Souza e Stephanie da Silva, foi emocionante.

Depois veio a oficina de ginástica geral da EE 31 de Março e União Cristã Feminina, com a coreografia Elásticos, sob orientação da professora Andresa Ugaya, integrante do Grupo Ginástico da Unicamp.

O “Circo de Retalhos”, apresentado por alunos da EE Paul-Eugène Charbonneau, foi outro momento brilhante, fruto da oficina de Artes Circenses conduzida pelo professor Christian Mathias. Malabarismos, pernas de pau, teatro, palhaçadas e outras estripulias estiveram no cardápio. O grupo de teatro da EE Paul-Eugène Charbonneau encerrou a apresentação, que ratificou o potencial das crianças e adolescentes e o acerto da metodologia do Ame a Vida. Em 2003 participaram 25 escolas públicas e 16 organizações sociais, abrangendo um universo de cerca de 20 mil pessoas.

O envolvimento das entidades

Outra inovação do Programa foi o envolvimento, cada vez maior, de entidades sociais filiadas à FEAC. Maria Bernadete Gonçalves de Souza salienta que o trabalho com a entidade é potencialmente mais rápido. “O grupo de usuários é menor, a prevenção primária pode ser rapidamente incorporada na linha pedagógica. As atividades de arte-educação podem envolver muito rápido todas as crianças”.

Coordenadora do Grupo Comunitário Criança Feliz, a assistente social Sidnéia Solange Zambeli Carreiro concorda. Ela conta que, justamente para potencializar a capacitação promovida nas oficinas específicas para os educadores, a equipe do Grupo Comunitário fez um rodízio para todos poderem participar das atividades. Com isso, toda equipe de educadores e monitores da entidade da Vila Brandina foi capacitada em prevenção primária, nos mesmos termos dos professores das escolas participantes.

Aos poucos, diz Sidnéia, a metodologia do Ame a Vida foi sendo incorporada, e um dos efeitos foi que os próprios jovens usuários da entidade escreveram uma peça de teatro baseada em sua realidade, incluindo todos seus dramas e alegrias. “A peça contribuiu para a leitura, para a escrita, para o espírito crítico, foi um salto muito grande”, assinala a coordenadora, resumindo sentimento comum entre as entidades filiadas à FEAC que tiveram a oportunidade de participar do Programa Ame a Vida e que tiveram, portanto, papel fundamental, ao lado das escolas que integraram a iniciativa.

Capoeira movimenta juventude



Ao som do berimbau crianças da EE Parque Itajaí II vivenciam capoeira e solidariedade

Basta soar o inconfundível som do berimbau e as 80 crianças participantes da oficina de capoeira da Escola Estadual Parque Itajaí II passam a viver a magia. Crianças como Max Emiliano, 11 anos, na 4ª série do ensino fundamental. “Eu me sinto muito bem”, o menino afirma, descrevendo o prazer de jogar ao lado dos colegas.

“É melhor a capoeira do que ficar na rua”, assinala Maicon Luiz de Oliveira, 10 anos. Ingrid Araújo Amâncio, 10 anos, concorda. “É muito bom, fico bem alegre”, resume, enquanto entra na roda formada pelos alunos da escola situada em um bairro de alta concentração de famílias de baixa renda, a cerca de 25 km do centro de Campinas.

“Na capoeira, dá para trabalhar disciplina, equilíbrio, respeito, coordenação motora”, explica Carlos Henrique Mantovani, instrutor da oficina e integrante da Abadá Capoeira. E além de tudo, lembra o capoeirista, a capoeira tem história, filosofia de vida. “É muito bom ver a mudança de comportamento de crianças depois que elas participam da capoeira”, atesta o instrutor.

Como na Ginástica Geral, a capoeira também não necessita grandes recursos para a sua prática. Assim a capoeira, um símbolo da resistência da cultura negra no Brasil – resistência à travessia no mar com os navios negreiros, resistência ao cativeiro e à opressão – transforma-se cada vez mais em elemento de fortalecimento da auto-estima, de construção da resiliência e de inclusão social para milhares de jovens que, ao som dos tambores, atabaques ou apenas da palma das mãos dos capoeiristas e/ou alunos em círculo, podem aspirar a uma vida mais digna e de desenvolvimento integral. Os corpos falam pela capoeira: eu acredito em uma vida melhor.

Resultados: a força do respeito, da resiliência e da alegria de viver

A assistente social Izabel Cristina Santos de Almeida é coordenadora do Projeto Gente Nova (Progen), entidade social filiada à FEAC que teve a oportunidade de participar de edições do Programa Ame a Vida Sem Drogas. O Progen é uma entidade que há vários anos se dedica ao desenvolvimento integral de crianças e adolescentes da Vila Castelo Branco. O depoimento de Izabel ilustra o impacto que as oficinas de arte-educação, aliadas às oficinas de capacitação dos educadores, teve na vida de milhares de crianças e adolescentes desde o lançamento da iniciativa, em 1998. As suas palavras indicam como os resultados do Programa vão muito além de números. São resultados que indicam transformações e/ou formulações de projetos de vida, que apontam para horizontes até então inconcebíveis para esses jovens.

Nota Izabel que, “em uma região onde existem situações de risco social, o educador vai em busca de respostas e de alternativas para o jovem vivenciar, participar. No caso do Progen, as oficinas nos ajudaram a refletir sobre as causas, o que leva ao contato com as drogas. Será o desemprego, a moradia precária?”.

Na entidade, assinala a coordenadora, procura-se trabalhar “para mostrar as coisas que tornam essa vida bela. Se não existe emprego para todos, e nem moradia, apesar de serem





Educadores
debatem propostas
e resultados do
Ame a Vida

direitos de todos, mesmo assim é possível ter resiliência. E é possível construir uma história de vida diferente”.

Nesse sentido Izabel entende que os encontros de final de ano, para apresentação do resultado das oficinas com as crianças e adolescentes, sempre foram muito importantes. “As crianças esperavam com ansiedade, porque era o momento de mostrar o que foi feito. Eram mais de 800 crianças e não havia briga, nada. Apenas muita satisfação alegria, em apresentar o que se construiu ao longo do ano”.

No ano em que houve a apresentação no Teatro Castro Mendes, diz a educadora, “foi o máximo. O impacto foi

enorme, e os pais viveram uma emoção até maior do que as crianças. Imaginem: para quem nunca tinha ido ao teatro, de repente ver o filho se apresentando num teatro importante!”.

“Então é isso”, sustenta Izabel. “Quando você pode ir ao teatro e se apresentar, isso é amar a vida. A vida fica mais bela. Se as pessoas têm acesso a esse tipo de coisa, se emocionam com isso, a droga não entra na vida delas. E a comunidade toda se envolveu para ajudar a apresentação das crianças, ajudou a costurar as roupas, a preparar. E o resultado foi maravilhoso”.

Mas o trabalho não parou, observa a coordenadora. “Desde então procuramos outras ações. Começamos a fazer um jornal, em parceria com o Centro de Memória da Unicamp. A idéia era que a comunidade resgatasse e escrevesse a sua história. Uma história que geralmente os jornais tradicionais não contam”.

E assim aconteceu com outras entidades, escolas. “Era emocionante ver as crianças, em um bairro como o Satélite Íris, caminhando por aquelas ruas vestidas para o balé. Isso é extremamente importante para a comunidade e decisivo para as crianças. Oportunidades como essa são às vezes únicas, não podem parar. A oficina de circo na EE Paul-Eugene Charboneau foi espetacular. Nunca deveria ter parado. Aquele trabalho me impressionou muito. A dedicação, o empenho. Foi muito marcante”, complementa Izabel.

O resumo da ópera, na opinião da coordenadora do Progen: “O social às vezes tem medo de ser feliz. Mas é preciso ousar. Sonhar é possível”. E tem sido possível através das oficinas, das apresentações, dos diálogos inter-geracionais, multidisciplinares, viabilizados pelo Ame a Vida Sem Drogas. É algo que instrumentos numéricos de mensuração, baseados em algarismos, nem sempre conseguem captar.

Preocupação científica

Mas sempre houve uma preocupação científica muito clara em todo processo do Ame a Vida, o que ajuda a explicar o seu sucesso. Especialistas de renome sempre estiveram muito próximos do Programa, ministrando conferências nas oficinas para os educadores, sugerindo caminhos, expondo idéias. Foi fundamental nesse sentido a parceria de anos que a Fundação FEAC mantém com a Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas).

Entre outros, participou como consultor o professor João Francisco Regis de Moraes, doutor em Filosofia da Educação pela Unicamp. Ele falou aos professores sobre o processo de aprendizado, sobre o impacto dos meios de comunicação na construção do conhecimento na sociedade contemporânea.

A professora Sílvia de Oliveira Santos Cazenave, diretora da Faculdade de Ciências Farmacêuticas da PUC-Campinas e integrante da Comissão de Prevenção ao Uso de Drogas da Universidade, sempre esteve muito próxima do Programa. Doutora em Toxicologia pela USP (com a tese "Prevalência do uso de drogas na região de Campinas"), perita criminal do Laboratório de Toxicologia Forense do Instituto de Criminalística de Campinas. Entre outros, participou de curso na Indiana University, EUA.

Em suas exposições, a professora apresentou detalhes sobre o impacto das drogas na saúde humana. As múltiplas implicações do uso de drogas. O que é a redução de danos, entre outros aspectos.

Outra especialista presente na trajetória do Programa é Mônica Gobitta, doutora em Psicologia Escolar pela PUC Campinas, onde leciona. Integra o Lamp - Laboratório de Avaliação e Medidas em Psicologia, e foi responsável pela elaboração de instrumentos de avaliação para o Ame a Vida.

Ex-funcionária da FEAC, ela acompanhou a estruturação e início do Ame a Vida. Ela considera que foi importante a perspectiva do Programa em não apenas salientar os fatores de risco para o uso de drogas, mas sobretudo de buscar fortalecer os fatores de proteção. É um caminho que, na sua opinião, contribuiu para dar mais instrumentos àquele professor eventualmente resistente a abordar o assunto. Dando poder ao professor, mostrando que ele poderia

optar por novas abordagens, de valorização de vida, de fortalecimento da auto-estima, ele tornou-se um multiplicador eficiente.

Com a função de exercer um olhar crítico sobre o Programa, sobre sua metodologia e resultados, a professora Mônica Gobitta entende que de fato existe o desafio de maior envolvimento das famílias, e nesse sentido considera que a participação das organizações comunitárias é relevante.

Para a especialista em Psicologia Escolar, o contexto educativo de um espaço como o Centro Comunitário do Jardim Santa Lúcia (que também integrou o Programa, como entidade filiada à FEAC), por exemplo, é muito favorável ao aprendizado e exercício de temas como cidadania, identidade cultural. A escola tradicional apenas agora está se abrindo mais, antes tinha uma postura mais hermética, considera. Assim é que, na sua avaliação, iniciativas como o Programa Escola da Família, do governo de São Paulo, podem ajudar a aproximar ainda mais as famílias da vida escolar e, com isso, contribuir para fortalecer os fatores de proteção.

Os indicadores psicossociais formulados pela professora, para aplicação aos objetivos do Programa Ame a Vida, são baseados em três eixos. O primeiro eixo é o da criança, indicando como ela percebe a si mesma, como é o seu desenvolvimento psicomotor e como a rede social auxilia como fator de proteção. O segundo eixo é o da percepção do contexto escolar, apontando que significado o aluno dá para este contexto. E o terceiro eixo, o da percepção do educador, sobre como ele percebe a criança, o aprendizado, o contexto.

O sistema de avaliação está pronto, assim, para ser aplicado, podendo avaliar por exemplo como ocorre a trajetória da criança antes, durante e depois da oficina. "A angústia é um sentimento humano. A questão é fornecer instrumentos para que o jovem trabalhe essa angústia, mas não com remédios, psicotrópicos. Nesse sentido a escola deve ajudar a preparar o jovem para a vida", assinala a especialista.

Dessa forma, Mônica Gobitta considera que as oficinas de capacitação dos professores são estratégicas para a multiplicação dos conceitos associados aos chamados fatores de proteção. A respeito, considera relevante o debate sobre o status do professor na sociedade, sobre as condições que ele encontra para desenvolver uma relação mais próxima, mais afetiva com o aluno.

Depoimento de alunos em 2005

*“Na vida a gente tem que lutar para conseguir e foi por isso que fiquei e continuei. Mais uma história que vai fazer parte da minha vida se esse projeto continuar. Quando eu crescer, estiver mais velho e ter netos eu vou poder contar como foi bom fazer parte desse projeto que tem pessoas ótimas, professores super educados, que ensinam seus alunos com carinho, com o mesmo carinho que gostei desse trabalho.”
(Depoimento em oficina de artes circenses da EMEF Clotilde Barraquete Von)*

“Para mim foi mais uma oportunidade de conhecer uma coisa nova que não conhecia, não entendia. Aprender coisas novas é sempre bom. Mostrar as pessoas o que você aprendeu é melhor ainda, ganhar elogios de seus pais, dos seu professor é sempre bom. Se sentir importante, ter um compromisso, fazer coisas que uma pessoa nunca esperou , ver os rostos de surpresa, ver todos gritando seu nome, dá medo, mas é muito emocionante e quando tudo acaba ver todos aplaudindo e gritando “mais”, sentimos que tudo que fizemos valeu a pena....” (Em oficina de artes circenses na EE Conjunto Vida Nova III).

Depoimentos de professores em 2005

“Este ano aprendi a ser um pouco mais compreensivo com todo mundo, porque, se a pessoa se comporta de uma certa forma, pode ser para extravasar algo que o aflige no seu cotidiano, hoje eu procuro saber primeiro como um aluno meu, dito problemático, vive, o que acontece com ele fora da escola e na maioria das vezes constatei que ele é tão problemático para chamar a atenção e ter um pouco de carinho e compreensão, que não tem na sua família. Passei também a transmitir isso aos meus pares e tentar fazer com que eles enxerguem isso”... (Professor)

“Durante as capacitações fui formulando estratégias de acordo com a proposta. Acreditei no processo de criar e de ir em busca do envolvimento professor e aluno. No início, senti dificuldade para socializar com os meus pares. Hoje sinto que surgiram reflexão e aceitação no âmbito escolar” (Professora).

“Com este programa aprendi a olhar os alunos e seus familiares de uma maneira mais clara, orientando-me pelas palestras e dinâmicas do programa. Nas aulas ligadas a temas transversais como saúde, violência, drogas, foi mais fácil introduzir o diálogo sobre o uso da liberdade que todos têm para fazer ou não o que lhe é nefasto”. (Professora)

A voz dos professores

Se o Programa Ame a Vida Sem Drogas teve impactos positivos na vida de milhares de crianças, participantes das oficinas de arte-educação ou pelas atividades em sala-de-aula ou extra-classe, também representou mudanças importantes para os professores capacitados como multiplicadores. É o que atesta o conjunto de depoimentos de alguns deles.

Caso de Diógenes Brandão, professor de matemática aposentado pela EE Padre José dos Santos, do Jardim Campos Elíseos. Ele não deixa dúvidas sobre o efeito das oficinas na sua percepção sobre o tema: “Nós achávamos que sabíamos tudo, mas não sabíamos nada. Aprendemos uma nova forma de falar sobre o assunto, mas sem falar de droga. Minha visão mudou completamente e me deu mais bagagem para aplicar na escola. O importante foi o foco na construção do indivíduo partindo das coisas boas, falando de coisas boas. Eu era professor de matemática e pude trabalhar na prevenção das drogas através da matemática. O professor tem que ganhar o aluno. Saber o que está acontecendo com ele, com sua vida. Se ele não te olhar como amigo, pode esquecer. É importante diminuir o preconceito para abordar temas como esse. As oficinas me ajudaram muito nesse sentido”.

A professora de matemática Maria Cecília F. Loterio Vaz, atualmente na EE Padre José dos Santos, diz que foi contagiada pelo entusiasmo do professor Diógenes Brandão. Também passou a frequentar as oficinas do Ame a Vida, e afirma que a postura dos professores sobre o tema pode e deve mudar: “É preciso superar o comodismo. As coisas acontecem bem perto da escola, não estão longe. Então é preciso se preparar para isso”.

Ela comprova como o desenvolvimento de algumas atividades, vinculadas ao fortalecimento da auto-estima, nos moldes preconizados pelo Ame a Vida, tem repercussão muito positiva na vida dos alunos. Na EE, por exemplo, atividades como uma rádio (em parceria com o grêmio estudantil), horta e coral, ganham interesse crescente nos estudantes. A professora cita especificamente uma atividade de hip-hop, que ela apoiou. Uma atividade de muita repercussão, porque desenvolvida com a linguagem e a identidade da juventude que frequenta a escola.



Para professores, envolver as famílias
ainda é grande desafio



A professora Eliana Magalhães Campos Devides, atualmente na EE Mário Natividade, também participou das oficinas. E ela conta: “Sempre me interessei porque é um assunto que diz respeito a todo mundo. Ninguém está livre dele, não está distante da sala de aula. A questão é dar instrumentos para o aluno se gostar, onde quer que ele esteja, no espaço dele. Foi muito rico aprender a trabalhar com prevenção sem uma abordagem direta. E é maravilhoso ver os próprios colegas dizendo para o aluno ‘sai dessa’. Tive um caso em que o colega disse que até daria sua mesada para o colega não voltar para a droga. E é uma satisfação quando o aluno diz ‘Tô limpo’. Não dá para não se envolver. Meus filhos vão estar no mundo”.

Como professora de português, Eliana salienta que “existem muitas possibilidades para trabalhar, com uma letra de música, um filme, um debate”. É muito importante, acrescenta, “estimular o protagonismo dentro da escola. Nesse sentido conseguimos o apoio do Grêmio da escola, que é maravilhoso. Eles atuam como voluntários na biblioteca. Os alunos estão fazendo fotonovela com fotos tiradas pelo celular.”

O brilho nos olhos dos professores que participaram das oficinas diz tudo. Sebastião Pereira Cruz, professor de Filosofia, atualmente Vice-Diretor da EE Paul-Eugène Charbonneau, do Jardim Fernanda, frisa que o papel das oficinas de arte-educação do Programa Ame a Vida Sem Drogas transcendeu os propósitos da iniciativa: “A oficina de circo elevou muito a auto-estima da Paul-Eugène Charbonneau, projetou a escola para fora da comunidade. Escolas particulares nos chamavam para apresentações. A visão da sociedade mudou sobre a escola. Projetos extra-classe são fundamentais. Tivemos alunos que não se evadiram por causa da gincana social”.

O professor Sebastião ratifica como os resultados de uma iniciativa como o Ame a Vida não se limitam a números. Ele diz: “Existem coisas em projetos sociais que não são mensuráveis. São coisas que mexem com a vida das pessoas, não dá para dimensionar isso. Só se acompanharmos a pessoa pela vida toda”.

É do próprio professor de Filosofia uma bela imagem que sintetiza a função desempenhada pelos educadores capacitados a atuar como multiplicadores: “A comparação nunca é boa, mas podemos fazer um parâmetro com a parábola do semeador. Estamos ajudando a espalhar as sementes que irão dar ótimos frutos”.

Parábola do semeador

“Eis que o semeador saiu a semear. E, quando semeava, uma parte da semente caiu ao pé do caminho, e vieram as aves e comeram-na; e outra parte caiu em pedregais, onde não havia terra bastante, e logo nasceu, porque não tinha terra funda; mas vindo o sol, queimou-se e secou-se, porque não tinha raiz. E outra caiu entre os espinhos, e os espinhos cresceram, e sufocaram-na. E outra caiu em boa terra, e deu fruto: um a cem, outro a sessenta, e outro a trinta”. (S. Mateus 13: 3 a 8)

Sistema de gerenciamento

A partir de 2005 a Fundação FEAC passou a aplicar um sistema de gerenciamento a seus programas e projetos sociais próprios, como o Ame a Vida Sem Drogas. O sistema permite gerar grande número de informações, em benefício da melhor qualificação e avaliação do desenvolvimento e resultado dos programas.

O Sistema de Gerenciamento de Programas Sociais foi desenvolvido por NetElos, inicialmente para a Associação Beneficente Direito de Ser, entidade filiada à FEAC. Depois a ferramenta foi estendida pela FEAC a seus programas próprios e outras organizações.

Música para o desenvolvimento integral



Alunos da EE Dante Alighieri Vita se divertem e aprendem na oficina de música

A EE Dante Alighieri Vita é uma homenagem a importante professor que atuou em Campinas, mas também remete a um dos grandes nomes da cultura universal. Nesta escola tão cheia de significados estudam filhos de operários da construção civil que trabalham nos vários condomínios em construção no Jardim Primavera, de funcionários dos condomínios já construídos e, também, de funcionários de duas fazendas da cada vez mais esvaziada zona rural de Campinas - São Vicente e Santa Cândida. A origem diversa é combustível para a animada oficina de música, que movimentava dois grupos de alunos. "A oficina tem sido fundamental para fortalecer a concentração, a disciplina e a atenção dos alunos", diz a entusiasmada diretora, Márcia Leopoldina Ferreira de Oliveira.

A diretora conta que um acaso contribuiu para dar um toque inovador nos rumos da oficina. A escola havia recebido em doação um conjunto de flautas doces, por ocasião de uma Festa Junina. Com estes instrumentos foi montada uma das oficinas. O professor é o musicoterapeuta Ricardo Félix Nonato Fernandes, desde 2004 integrado ao Programa Ame a Vida Sem Drogas.

"Pela música é possível fortalecer a auto-estima, a parte emocional, e melhor compreensão de mundo. A formação da pessoa é mais ampla", diz o professor. As oficinas são esperadas com expectativa pelas crianças. "Aprendemos coisas diferentes e até ensinamos para os pais", diz Joyce, 10 anos. "Fico muito feliz por dentro", resume Grazielle, 9 anos. Nos versos da Asa Branca, de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira, cantados pelas crianças, um resumo da história e da cultura brasileira:

*"Quando olhei a terra ardendo
Qual fogueira de São João
Eu perguntei a Deus do céu, ai
Por que tamanha judiação"*

Desafios para o futuro: rumo à política pública

O Programa Ame a Vida Sem Drogas, próximo de completar 10 anos, representou um marco em termos de prevenção primária ao uso de drogas em uma cidade de porte metropolitano como Campinas, onde são múltiplos os desafios sociais. Milhares de crianças foram envolvidas, dezenas de professores foram capacitados, apresentações de final de ano dos participantes das oficinas de arte-educação se tornaram inesquecíveis. E muitas lições foram aprendidas e apreendidas. Abaixo, uma seqüência de desafios que, segundo os vários participantes dessa trajetória, estão pela frente, no sentido de consolidação dos propósitos do Programa:



Legenda
????????????????

- Trabalho forte na educação infantil. Ações fortes e criativas no período da educação infantil, período estratégico no desenvolvimento integral do ser humano. “Nunca se aprende tanto na vida como entre os 4 e 7 anos de idade. Precisamos estar melhor preparados para o tempo da educação infantil, não mais apenas com a perspectiva de creches somente para deixar as crianças, mas para reforçar a educação infantil”, afirma Sylvia Leeven, presidente do CPTI.
- Trabalho forte com as(os) diretoras(es), peças estratégicas para movimentar qualquer projeto de interação comunitária em uma escola pública. “Com uma direção entusiasmada e que abraça a causa, o projeto caminha muito mais tranquilo”, defende o professor Saulo Monte Serrat, da Febract.
- O rodízio na escola pública ainda é um desafio. “A mudança de professores e diretores é um desafio, embora os educadores capacitados possam levar os conceitos para outras escolas”, diz Rolf Leeven.

- Atividades para toda sociedade. Programas de valorização da vida, repercutindo no fortalecimento da auto-estima e prevenção de situações de risco, inclusive uso de drogas, devem ser estendidos a toda sociedade, a todas as faixas etárias e classes sociais. Ações assim devem ser consideradas tanto para a escola pública como para as escolas privadas, defende Sylvia Leeven.
- O trabalho com a família é sempre desafiador. É preciso mudar o foco, não convocar pais apenas para chamar a atenção dos próprios ou dos filhos, mas envolvê-los em atividades mais produtivas. E nem sempre eles podem participar porque estão em horário de trabalho. A Escola da Família tende a ser um divisor de águas, acredita Maria Bernadete Gonçalves de Souza, que acompanhou o Programa desde o início.
- Fortalecer ações em rede, envolvendo escola pública, organização social e todos recursos da comunidade, como forma de sedimentação dos chamados fatores de proteção. “O trabalho intersetorial é muito importante, a criança fica mais protegida, se fortalece mais para enfrentar as situações de risco”, diz Sidnéia Zambeli, coordenadora do Grupo Comunitário Criança Feliz. Ela lembra que na região da Vila Brandina, em Campinas, já funciona uma “redinha”, que busca justamente integrar os recursos sociais, no sentido da proteção e desenvolvimento integral da criança e do adolescente, nos termos do ECA.
- Estimular o protagonismo juvenil, sempre. Os jovens devem ser incentivados a desenhar novos projetos de vida, participando de ações de voluntariado em sua escola, em sua comunidade. Eliana Devides, professora da EE Mário Natividade, acredita que o protagonismo juvenil é um caminho seguro para a auto-estima da criança e do adolescente, como ficou claro pela evolução do Ame a Vida Sem Drogas.
- Caminhar para a política pública. A participação de dois Conselhos Municipais, Cmdca e Comen, apontou a preocupação do Programa Ame a Vida Sem Drogas em contribuir para uma verdadeira política pública em prevenção primária de drogas. “Esse tema é de toda comunidade, é fundamental o envolvimento cada vez maior de todos os setores, discutindo e formulando uma política pública consistente, pela valorização da vida, pela confirmação da alegria de viver de modo saudável”, diz Izabel Cristina Santos de Almeida, do Progen.

Legenda

????????????????



- Sustentabilidade dos projetos, com recursos mais permanentes, que não dependem de oscilações políticas ou de outra natureza. Este é um dos motivos para que ações nos moldes do Ame a Vida sejam fruto e vinculadas a políticas públicas debatidas, formuladas e implementadas pelo conjunto das comunidades.
- Os meios de comunicação podem contribuir cada vez mais para discutir a questão, mas não somente em termos dos aspectos repressivos e/ou policiais. Mas debater de forma ampla, ressaltando os fatores de proteção. Nesse sentido, é fundamental uma capacitação especial dos profissionais que atuam nos meios de comunicação.
- Ampliar o debate sobre as várias formas de droga, que podem atrair a juventude. O uso do álcool deve ser um item necessário nesse debate, assinala a professora Sílvia Oliveira Santos Cazenave, diretora da Faculdade de Ciências Farmacêuticas da PUC-Campinas. Ela entende que deve ser melhor discutida a propaganda na mídia que incentiva o uso de álcool.
- Fortalecer a ligação de projetos sociais e Universidade, como forma de assegurar uma reflexão permanente, qualificada, sobre os rumos da iniciativa. A parceria do Ame a Vida com Unicamp e PUC-Campinas, principalmente, foi essencial nesse sentido.
- O ideal da comunidade escolar, que animou o começo do Ame a Vida, deve ser levado, sempre, em outras ações envolvendo as escolas e os ativos da comunidade. "A comunidade escolar fortalece todo mundo. Uma empresa que está próxima da escola pode ajudar de alguma forma, assim como profissionais vizinhos que podem atuar como voluntários. Todos ganham", diz o professor Saulo Monte Serrat.

Magia e esperança no circo

A magia das artes circenses ecoa pela sala em que a oficina é ministrada na EE Vida Nova III. Kaique William de Souza Rodrigues, 9 anos, demonstra habilidade na perna de pau. Luis Fernando Ferreira da Silva, 11 anos, diz que gosta do rolo - equipamento em que é necessário equilibrar sobre uma plataforma e um rolo. Letícia Lisboa de Souza, 11 anos, gosta de malabarismo e muito mais.

“Pelos artes circenses fica mais prazeroso trabalhar habilidades motoras, ação em equipe, coordenação, parceria”, diz o professor de educação física Ney Arantes de Mattos, responsável pela oficina. A auto-estima dos meninos e meninas ficou tão elevada que

eles participaram, com desenvoltura, de uma apresentação no Espaço Cultural CPFL – local que costuma receber os principais nomes das artes do Brasil e de vários países, em função do eclético programa oferecido pela CPFL Energia. Jonatan Fernandes de Castro, 12 anos, foi um dos que mais gostou da experiência. “A luz estava forte, mas nada nos atrapalhou”, conta o garoto, equilibrando em vários “rolos”.

Um dos destaques da oficina de circo – e uma das melhores traduções de suas múltiplas possibilidades – é a participação de alunos portadores de deficiência. São seis alunos da EE Vida Nova III incluídos na oficina, como Janaína e Keyla. “A socialização avança com a oficina. Os alunos registram tudo em um diário e depois expõem o trabalho”, conta a professora Beatriz Müller. Keyla, deficiente auditiva, dá “aulas” de LIBRAS – Linguagem Brasileira de Sinais – para o professor Ney. “A vida é importante demais” diz Keyla, resumindo todo espírito do Programa Ame a Vida Sem Drogas, em um humilde bairro de ruas sem asfalto a mais de 20 quilômetros do centro de Campinas.



Oficina de circo na EE Vida Nova III valoriza trabalho em equipe e ilumina novos projetos de vida

Comentários finais, a título de reflexão

Com quase uma década de trajetória, o Programa Ame a Vida Sem Drogas representou uma inovadora e, para sua época, ousada iniciativa que procurou pensar alternativas para a desafiadora questão das drogas – tema essencial a ser enfrentando, projetando-se um país com desenvolvimento humano integral e reverência pela vida toda, como se espera para o Brasil no século XXI.



Professoras do
Ame a Vida Sem
Drogas em 2006
□ encontro para
discutir o futuro



Iniciativa inovadora e ousada pela metodologia, pela junção de cultura popular e reflexão científica vinda da Universidade, pela abordagem indireta da temática, pela capacitação de professores que atuassem como multiplicadores em sala de aula, nas entidades sociais e outros ambientes de aprendizagem, pela gestão democrática dos recursos e decisões tomadas por um Comitê Gestor, pelo apoio comprometido de empresas que compreenderam a importância da proposta, pelo envolvimento pessoal de diretores, educadores, especialistas de várias áreas e os profissionais da FEAC que atuaram diretamente na coordenação e ações práticas.

Os grandes protagonistas, claro, foram as crianças e adolescentes que puderam expressar, com sua linguagem e sua história de vida, sentimentos muito pessoais. São meninos e meninas que tomaram contato com novas possibilidades, com horizontes abertos para a escrita de novos projetos de vida.

Todos envolvidos no Programa sabem que ainda resta muito por fazer. Mas, como na parábola do semeador, as sementes foram lançadas e começam a frutificar, aqui e ali, até se criar a grande rede protetora da vida. As palavras abaixo, contidas em cartas (parte da aula de português) encaminhadas ainda em 2001 ao então professor de oficina de Ginástica Geral, Luciano Truzzi, resumem todo o sentimento vivenciado por essas crianças, que aprenderam a gostar mais do corpo, da sua vida. São os jovens falando de si, de sua saúde. São frases que renovam o sentido da palavra esperança:

“Desde que entrei na ginástica minha vida mudou completamente. Comecei a ter mais disposição para fazer as coisas, comecei a gostar mais de esportes. Antes de entrar na ginástica já sabia fazer algumas coisas como: estrelinha, parada de mãos e ponte. Mas depois que entrei na ginástica meus elementos mudaram muito e aprendi várias coisas legais”. (V.A.A)

“Bom, eu acho a ginástica rítmica muito legal, ela me faz aprender coisas que eu nunca tinha ouvido falar! Além de aprendermos, nós também nos divertimos com as brincadeiras, para nos aquecermos! O alongamento faz bem para os nossos músculos e ossos”. (J.P.S)

“Quando chegou o dia da apresentação (no Teatro Castro Mendes) nós ficamos ansiosos e um pouco nervosos com a apresentação. Nós ensaiamos no Teatro, experimentamos a roupa e ficaram lindas! Na hora da apresentação ficamos muito nervosos mas na hora nós fizemos tudo direitinho”. (A aluna não se identificou)

“Eu gostei muito da ginástica geral porque eles nos ensinam a fazer muita coisa. A ginástica geral é boa para a saúde, não só para brincar. É para praticar”. (AAM)

Ame a Vida no Bovespa Social

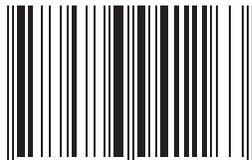
A partir do mês de outubro de 2006, "ações sociais" do Programa Ame a Vida sem Drogas passaram a ser negociadas em Bolsa com o apoio de 120 Corretoras em todo o Brasil.

A Bolsa de Valores Sociais é um programa pioneiro lançado pela BOVESPA para levantar fundos para projetos de organizações sociais brasileiras ao unir investidores sociais dispostos a doar fundos aos projetos e comprometidos com a promoção de melhoria na perspectiva social.

Os investidores podem escolher as "ações sociais" de um único projeto listado ou podem montar um portfólio com "ações sociais" de diversos projetos e investir a quantidade desejada. O retorno desse investimento será o lucro social, ou seja, a construção de uma sociedade justa, igualitária e capaz de prover oportunidades para milhares de crianças e jovens.

Para ser aprovado pela Bolsa de Valores Sociais o Programa Ame a Vida Sem Drogas foi avaliado por uma equipe de especialistas em educação e em terceiro setor e analisada pelo Conselho da Bovespa Social. Agora, suas "ações sociais" podem ser adquiridas no site www.bovespasocial.org.br.

ISBN 85-7694-116-3



9 788576 941163

Frase

